

O lugar do analista como guardião do enigma

Kéterli Backes¹

RESUMO

O presente artigo tem como proposta pensar o lugar do analista como guardião do enigma ao colocar o paciente em tratamento, com vistas a conceber um espaço que garanta que a circulação do pulsional e que a instauração dos enigmas sejam resguardadas. Para que essa compreensão seja alcançada, será realizado um percurso teórico pelos autores estudados na formação em psicanálise da Constructo: Sigmund Freud, Jean Laplanche e Silvia Bleichmar, acrescidos com a contribuição de autores contemporâneos. Serão utilizadas vinhetas, a fim de elucidar conceitos fundamentais do entendimento teórico para a compreensão na prática clínica.

PALAVRAS-CHAVE: Analista; guardião do enigma; tratamento.

Introdução

Este trabalho objetiva alicerçar os estudos dos textos trabalhados ao longo dos seminários na Formação em Psicanálise na Instituição Psicanalítica Constructo, bem como atender ao requisito institucional de conclusão do terceiro ano da formação em questão.

¹ Psicóloga e psicanalista em formação pela Constructo Instituição Psicanalítica.

Ao debruçar-se sobre leituras e estudos, coloca-se em marcha o fazer pensar, que surge como facilitação para a assimilação da teoria em prol do fazer na clínica. A escrita científica estabelece o elo nesse percorrido ao longo da formação, proporcionando saber a quem escreve. É devido a isso que o ponto de partida da escrita deste trabalho converge com o anseio de expandir e aprofundar o entendimento e o saber das vivências na experiência clínica, em conjunto com a supervisão institucional e os seminários teóricos.

Um dos motores deste trabalho reside na compreensão da importância do analista em seu papel de instaurar e manter as regras para o tratamento, nas palavras de Freud, e da tina analítica, nas palavras de Laplanche, concebendo um espaço que garanta que a circulação do pulsional e do enigma sejam resguardadas. Assim, busca-se analisar o lugar do analista como guardião do enigma ao colocar o paciente em tratamento, guardar e instaurar enigmas..

Para que essa compreensão seja alcançada, será realizado um percorrido teórico, traçado pelo trio de grandes autores de nossa formação psicanalítica: Sigmund Freud, Jean Laplanche e Silvia Bleichmar. Ainda, serão abordadas concepções de autores contemporâneos, como Marta Rezende Cardoso, Mônica Medeiros Kother Macedo e Carolina Neumann de Barros Falcão, a fim de elucidar conceitos fundamentais associados ao objetivo do trabalho. Com o intuito de assimilar o entendimento teórico em seu cunho prático, serão utilizadas vinhetas clínicas de Jeane, uma paciente de 27 anos que está em tratamento desde julho de 2024.

1. Revisão teórica

Segundo Sigmund Freud (1912/1996, p. 130), quando um paciente põe em marcha um processo de análise, é corriqueiro que lhe acompanhe a

compreensão de que, tanto nos mundos interno quanto externo, ele terá a possibilidade de continuamente descobrir algo novo. Não em vão, Jean Laplanche (1993, p. 20), psicanalista francês que fez trabalhar a obra freudiana, afirma que “a psicanálise mergulha o paciente numa situação muito particular.”

Para esse autor, o tratamento, a infância e alguns fenômenos culturais são lugares privilegiados de *produção* do sexual (*ibid.*, p. 126, grifo do autor). O sexual infantil, grande descoberta de Freud, é tenazmente trabalhado por Laplanche ao longo de sua obra. Restrito em Freud, o sexual passa ser compreendido como “*sexual* ampliado além dos limites da diferença entre os sexos, além do sexuado. É o sexual parcial, ligado as zonas erógenas [...]” (Laplanche, 2015, p. 38, grifo do autor). Portanto, o sexual não é ligado, inicialmente, a qualquer zona erógena; não é uma sexualidade inata, é precisamente um sexual pulsional e obrigatoriamente ligado à *fantasia* (*ibid.*, p. 58). Por isso, “o sexual infantil é o cerne do inconsciente” (*ibid.*, p. 115).

A respeito do inconsciente, constituído pela relação com o outro, o autor salienta:

O que não significa, no entanto, que o inconsciente é simplesmente o outro implantado em mim. Porque entre a primeira intervenção do outro e a criação da outra coisa em mim, se intercala um processo chamado recalcamto, muito complexo, que implica pelo menos dois tempos que reagem um sobre o outro e desembocam num verdadeiro deslocamento/reconfiguração dos elementos (explícitos e implícitos: enigmáticos) do vivido. Metabolismo e ponto de vista tradutivo são a alma da teoria do recalcamto (Laplanche, 1996, p. 30).

É pertinente ressaltar que partimos do entendimento do aparelho psíquico sexual constituído na relação com o outro, gênese da Teoria da Sedução Generalizada (TSG) desenvolvida por Jean Laplanche (2015) ao fazer trabalhar a teoria da sedução restrita de Sigmund Freud e por ele abandonada. Partindo do pressuposto da prioridade do outro na constituição do ser humano e da sexualidade, enfrentar a essencial passividade da situação infantil estabelece a principal tarefa, ou seja, simbolizar (Laplanche, 1996).

De modo complementar, Laplanche (2015) também desenvolve e situa teoricamente o conceito da situação antropológica fundamental (SAF), condição universal ao ser humano. A SAF é composta pela relação entre um bebê (*infans*), sem disposições genéticas e ativadores hormonais da sexualidade, que necessita de cuidados e de um adulto que provê cuidados, mas o faz permeado por seu inconsciente, essencialmente feito de resíduos inconscientes infantis, reativados nessa relação adulto-*infans* (Laplanche, 2015).

Em *Novos fundamentos para a psicanálise*, Laplanche (1992) versa sobre esses inícios da vida de um ser humano e as mensagens enigmáticas oriundas do inconsciente do adulto, constatando que, além dos cuidados autoconservativos necessários à vida, há uma comunicação na relação entre um bebê (*infans*) e um adulto que cuida. Essa comunicação coloca o *infans* diante da mensagem enigmática sexual do adulto e, por conseguinte, em estado de desamparo, uma vez que esta requer um árduo labor de domínio, simbolização e tradução que o bebê ainda não é capaz de fazer devido à incipiência psíquica. Assim, mensagens enigmáticas são de difícil e imperfeita tradução e, obrigatoriamente, deixarão para trás restos inconscientes, que constituem o inconsciente recalcado. Esses restos inconscientes são definidos por Laplanche como objeto-fonte da pulsão.

Esse movimento que ocorre no psíquico do *infans* a partir de sua relação com o adulto pode surgir a partir de duas vias: a implantação

ou a intromissão (Laplanche, 1996). A tradução é facilitada quando o endereçamento das mensagens enigmáticas ocorre pelo processo de implantação, no qual significantes e mensagens põem o aparelho psíquico em marcha para tradução e simbolização, determinando a constituição do ego. Quando a tradução da mensagem falha, seu conteúdo será recalcado. Segundo Marta Rezende Cardoso (2017), esse movimento de recebimento de mensagens pode ser dificultado quando ocorre pela via da intromissão, uma variação violenta do endereçamento. Essa violência da intromissão determina um bloqueio no processo de simbolização e de recalçamento (Cardoso, 2017).

Seguindo na trilha das mensagens implantadas, que são, por conseguinte, mensagens enigmáticas, cabe abordar, aqui, o conceito de sedução:

[...] uma relação assimétrica, cujo protótipo é o par criança-adulto. Uma criança, confrontada com um mundo adulto que, de entrada, lhe envia mensagens, impregnadas de significações sexuais (aquelas que a psicanálise descobre) inconscientes (para o próprio emissor), mensagens percebidas como enigmáticas, isto é, como “para traduzir” (Laplanche, 1996, p. 81).

Diante da *sedução originária* do adulto para com o *infans*, este último se encontra, sem que perceba ou suspeite, com um questionamento enigmático, que Laplanche (1992, p. 135) exemplifica metaforicamente da seguinte forma: “o que quer de mim este seio, além de me aleitar e, no fim das contas, porque ele quer me aleitar?” Logo, há um sujeito portador de enigmas e um ser humano que é um ser teorizante de si mesmo e, por isso, autossimbolizante. Em análise, as simbolizações que surgem das interpretações do analista ou das autointerpretações do paciente tornam-se ressimbolizações das simbolizações originárias (*ibid.*).

Isso quer dizer que “é a corrida atrás do saber que sujeita e propulsiona o analisando, assim como propulsionou a criança” (*ibid.*, p. 168). Com base nisso, a psicanalista argentina Silvia Bleichmar (2013, p. 49), ao fazer trabalhar a teoria de Jean Laplanche, afirma, habilmente, que “só se pode analisar algo se o sujeito considerar como próprio aquilo que se lhe oferece como alheio”. Trata-se justamente do complexo desafio da prática clínica, pois o inconsciente se constitui na relação com outro humano (*ibid.*). Assim, é possível compreender que “o enigma reconduz à alteridade do outro, e a alteridade do outro é sua reação ao seu inconsciente, ou seja, sua alteridade para si mesmo” (Laplanche, 1996, p. 129).

No artigo intitulado “A escuta em psicanálise e a psicanálise da escuta”, Macedo e Falcão (2005) concebem o processo analítico como possibilidade de descoberta inaugural do paciente; é ele quem sabe de si. Sobre o saber do paciente e a recusa do analista, as autoras afirmam que

[...] um saber que é patrimônio de um território desconhecido de si mesmo. Para alcançá-lo, além de ser escutado, o paciente deverá escutar-se. É somente ao assumir a posição de quem não sabe a respeito de quem chega com uma demanda de ajuda que o analista poderá efetivamente exercitar a escuta analítica (Macedo e Falcão, 2005, p.69).

Postula-se como metábole o processo daquilo que a criança irá fazer com a comunicação parental marcada pelo inconsciente dos adultos: “entre o ‘discurso do outro’ e o inconsciente da criança há uma verdadeira desconstrução-reconstrução, uma verdadeira metábole inovadora” (Laplanche, 1993, p. 182). Com isso, cria-se um campo teórico para assentar a infância como um tempo privilegiado e único, de metábole instituinte. Essa indiscriminação tem sua origem no terreno fértil da infância, no qual a fantasia, a fala, a sexualidade e a transferência são ingredientes entrelaçados que compõem a situação analítica (*ibid.*, p. 182).

Algumas considerações sobre as principais características da situação analítica

Segundo Laplanche, a compreensão do aspecto positivo do termo “infantilização em psicanálise” advém da concepção da análise enquanto processo capaz de reabrir e entreabrir o infantil. “O que a análise mostra é que a situação infantil é de fato o lugar onde tudo se joga, onde se criam o inconsciente e o desejo,” e, por isso, concebe-se que a impressão da infância fica definitivamente marcada (*ibid.*, p. 181). Então, a premissa da análise, pautada pelo trabalho com o inconsciente, não é distinguir fantasia e realidade, uma vez que a “análise está mergulhada na fantasia”. Não há irrealização no tratamento, pelo contrário: há um *hiperrealismo* e uma *hiper-significância*. O primeiro se deve à “condição de base, insuperável, da vivência infantil”, como já dito anteriormente; a segunda, ao fato de que a vivência infantil promove o “transbordamento das capacidades estruturadoras da criança por uma exuberância de mensagens das quais ela não tem a chave, mas sabe serem mensagens” (*ibid.*, p. 184).

Para que a fundação da situação analítica se dê com a fluidez da *instauração do espaço analítico*, termo proposto por Laplanche em contraponto à construção, fala-se em instaurar um processo, algo feito pouco a pouco, e não de um ato único, pois “não se constrói um espaço, constrói-se algo num espaço” (Laplanche, 1993, p. 69). Assim, a instauração de um processo de análise tem um caráter progressivo, algo a ser realizado e não algo magicamente instituído. “Essa instauração é o tempo todo uma reinstauração, a situação não deve parar de se reinstaurar, e isto até o fim, até o último momento da análise” (*ibid.*, 1992, p. 165).

Então, há de existir algo muito além de um divã, de uma poltrona e das paredes do consultório. É preciso que seja instaurada a tina analítica – um espaço fechado, como um cercado instaurador de limites, que se torna a garantia

da situação analítica. Ao tangenciar, em um só ponto e em um sentido de circulação invertida, o sexual e o autoconservativo, é a tina que introduz e mantém o tratamento (*ibid.*, p. 174-175). Logo, é esse limite fundador que prescreve, organiza e, sobretudo, exclui algo para fundar a situação analítica, que repete uma outra, renova e confirma um outro (*ibid.*).

Nessa esteira, o autor versa sobre a condução de uma análise, apontando que a estruturação da tina analítica preconiza três tipos de regras: a primeira delas é o *setting*, referindo-se a tempo e dinheiro; a segunda, a *regra fundamental*; e a terceira, as *recusas* (*ibid.*, p. 154).

No que tange ao *setting*, tempo e dinheiro compõem o traçado da dupla parede da tina. Uma primeira parede externa, contratual, que abarca condições flexíveis e, ao mesmo tempo, rigorosas; flexível nos arranjos possíveis e rigorosa na manutenção do contrato depois de ter sido aceito. Cumpre-se esse rigor com vistas a preservar a segunda parede da tina, em que tempo e dinheiro são tomados em seu valor sexual, um valor vulnerável às paixões humanas (*ibid.*).

Em *Vocabulário da Psicanálise*, Laplanche e Pontalis descrevem a regra fundamental como a

Regra que estrutura a situação analítica. O analisando é convidado a dizer o que pensa e sente sem nada escolher e sem nada omitir do que lhe vem ao espírito, ainda que lhe pareça desagradável de comunicar, ridículo, desprovido de interesse ou despropositado (Laplanche; Pontalis, 1991, p. 438).

Fazendo trabalhar a noção de regra fundamental, isto é, a livre associação em análise, Silvia Bleichmar (2011) propõe que, muito além de dever falar tudo, trata-se de poder falar. Arremata essa forma de pensar o espaço

analítico, presenteando-nos com palavras ao dizer que “há poucos espaços no mundo onde tem-se o direito de dizer tudo [...] é único no mundo um espaço com estas características” (*ibid.*, p. 495).

O fechamento dessa tríade é composto pelas recusas do analista, que são de duas ordens: uma recusa o adaptativo e outra recusa o saber. Na primeira, o analista se recusa a trabalhar intervenções adaptativas, de manipulação ou conselho ao paciente, recusando o que é “real”, o que é exterior à tina. Já no segundo tipo de recusa, o analista recusa o saber e recusa-se a saber (Laplanche, 1993).

A neutralidade benevolente é outro aspecto que apura a posição do analista no processo. A *benevolência* reafirma o espaço de análise como um acolhimento que favorece a comunicação do inconsciente. Já a *neutralidade* fica vinculada às recusas do analista em relação àquilo que se recusa a fazer ou a dar (*ibid.*).

Laplanche (1993) retoma a metáfora do tratamento psicanalítico como um jogo de xadrez, reforçando a ideia de que o analista se situa com um mestre, alguém experiente nas regras do jogo/tratamento. No entanto, é como se estivesse no meio do caminho entre expor as regras e mostrar como se começa a praticar, corroborando a concepção de que, em análise, é basilar a introdução das regras como parte dos lances do tratamento.

Além disso, Laplanche (*ibid.*) propõe que o processo analítico cria condições para uma *neogênese* do sexual. Silvia Bleichmar (2020), num aparelho exógeno e aberto ao real, credits que o aparelho psíquico tem suas vias de saída fechadas, mas as vias de entrada estão abertas ao que vem do externo. Então, inaugura-se um processo de neogênese quando intervenções analíticas acontecem em momentos estruturantes no aparelho psíquico. Algo inaugural se acrescenta na vida do sujeito (*ibid.*).

Assim, parte-se da perspectiva da teoria da sedução, em que “o fundamento da relação com o outro originário é a sedução originária e a relação com o analista reatualiza [...]” (Laplanche, 1992, p. 170). Para que essa reatualização de fato aconteça, o analista põe em marcha, em seu fazer clínico, a transferência em pleno e a transferência em oco. Ambas transferências coexistem, são complementares e se instauram num oco - do analista, em que a neutralidade e a recusa ao saber, por parte do analista, são aspectos desse oco. Assim,

Um pleno é a repetição positiva dos comportamentos, das relações, das imagos infantis. Um oco é também uma repetição, mas onde a relação infantil reencontra o seu caráter enigmático e onde as imagos não estão mais totalmente em pleno. (*op. cit.*).

Logo, com o processo de análise em curso e, por consequência, o enigma na cena analítica, lança-se a oportunidade ao analista de fazer sustentar e trabalhar o enigma. A esse respeito, Silvia Bleichmar afirma que, em sua prática clínica, questiona-se sobre o portador da mensagem por saber que, na resposta, irá encontrar uma fantasia e não a realidade do outro, daquele que emite a mensagem. A autora propõe que “os benefícios de uma intervenção baseada no conceito de mensagem enigmática e trauma são claros, porque possibilitam a teorização e, nesse movimento, a emergência do desejo como fantasia relativa a uma posição sexual infantil” (Bleichmar, 2013, p. 45).

Afunilando o pensar sobre o analista, sustentado pela teoria e técnica psicanalítica, propõe-se o questionamento de Jean Laplanche (1996, p. 181): “o que oferece a análise?” Trata-se de um questionamento que ele mesmo se encarregou de responder:

O que é oferecido é um lugar de palavra, de palavra livre, mas não, propriamente falando, um lugar de troca. Há ali uma essencial assimetria da relação. Lacan, já, falava de “disparidade subjetiva”. Mas é preciso ir mais longe, para algo difícil de pensar, tão difícil de pensar como a prioridade do outro na constituição do sujeito sexual. O que é proposto com a oferta, social, cotidiana, trivial, da análise, é evidentemente uma resposta às perguntas do paciente: o que tenho? O que devo fazer? Eu acrescentaria a terceira pergunta de Kant: O que posso esperar? O proposto é um certo caminho para a verdade, que supostamente conduz ao bem, a um ser melhor. Mas o analista não é um guru, nem um pregador, nem um oráculo, ao contrário do que poderiam fazer crer certas práticas. Sem dúvida traz uma experiência e um saber, o do método, mas também uma recusa radical de conhecer o bem do seu paciente, de conhecer a verdade sobre o seu bem (*ibid.*, p. 182).

Sobre a função do analista, Laplanche evidencia o que a presença deste instaura no processo. Ele afirma que o analista, além de garantidor da constância e piloto do método, como acompanhante do processo primário, é o guardião do enigma e provocador da transferência (*ibid.*). Como guardião do enigma, o analista constitui uma função elementar para o transcorrer deste trabalho.

2. Discussão clínica

Este item propõe a integração entre a revisão teórica a respeito do lugar do analista como guardião do enigma e o estudo do caso clínico de Jeane, uma mulher de 27 anos que está em tratamento desde julho de 2024. Desde o início do processo, estabeleceu-se a frequência de três sessões semanais. Vale ressaltar que o material clínico apresentado é apenas um recorte do caso, para possibilitar a discussão que me propus como objetivo deste trabalho.

Jeane já passou por outro tratamento psicoterápico ao qual não deu seguimento por inúmeros motivos. Quando me procurou, ela havia interrompido o tratamento anterior há um ano, motivada por estar insatisfeita e em desacordo com o fato de a analista frequentemente lhe dizer o que deveria fazer em suas relações com o chefe e colegas de trabalho ou com as inseguranças com amigos. Em vez de ajudar a paciente a descobrir suas próprias razões, a analista incluía suas opiniões e, dessa forma, obstruía o movimento de Jeane na busca de respostas aos enigmas que carregava dentro de si – o que, por certo, desconsiderava a condição de autotradução e autossimbolização da paciente, impedindo a busca pelo saber que uma análise propulsiona.

Desde o início do tratamento, a paciente relata conflitos intensos em suas relações de trabalho, sentindo-se frequentemente deixada de lado pelo chefe, com a impressão de que este último dava maior atenção a suas colegas de trabalho, circunstância que, além de prejudicar seu rendimento, deixava muito presente um sentimento de exclusão. O que aparecia no trabalho também se reproduzia em suas relações de amizade e no ciúme que sentia da namorada de seu irmão, a quem admirava por sua beleza, comparando-se a ela e sentindo-se feia. No que concerne aos pais, sentia muita ambivalência, ora sentindo-se de fora, ora sentindo-se atrapalhando, sendo que este último sentimento surgia quando se via em meio à relação dos dois.

Um evento aparentemente associado a esses sentimentos ocorreu quando, aos 9 anos, flagrou o irmão em uma cena sexual em sua própria cama, com uma mulher que ela não conhecia. Esse fato foi relatado em sessão com muita dificuldade por ela, pois nunca havia falado disso para alguém. O assunto foi motivo de muitas associações, embora fosse muito atravessado por constrangimento e vergonha sempre que tinha de falar dele. Sentimentos de raiva também estavam presentes em sua narrativa, e Jeane negava qualquer tipo de desejo que pudesse aparecer. Logo depois desse evento da sua infância, ela se afastou muito do irmão, dos amigos e do pai.

Além da vergonha do irmão, sentia vergonha do próprio corpo, algo ainda presente em sua vida. Em suas associações, relaciona suas dificuldades em ter um namorado com o ciúme na sua relação com os pais e, também, com um certo constrangimento especificamente na relação com o pai. Na medida em que fala nisso tudo, pensa que talvez essa dificuldade em se aproximar de homens e sentir-se frequentemente fora nas relações com as colegas de trabalho também possa ter alguma relação com o fato traumático vivido com o irmão.

Sendo o processo de implantação que conduz o enigma à tradução no aparelho psíquico, é este enigma que também torna suscetível a analisabilidade. É por meio da metábole, singular a cada sujeito, que a mensagem ingressa no psiquismo e vai tramitar pelo processo tradutivo do enigmático que a paciente recebeu dos adultos, sendo este enigmático marcado pelo inconsciente destes últimos. É por isso que, mesmo que algo do real se faça presente, a análise está mergulhada no que permaneceu da mensagem enigmática no psiquismo do *infans*.

Ao ter flagrado o irmão, a paciente se viu diante de uma cena inesperada, de ordem sexual, e algo de enigmático se implantou no psiquismo da mesma. A tina – com o *setting* (tempo e dinheiro), a regra fundamental e as recusas do analista – desempenha um papel elementar para o processo de reabrir enigmas e de sustentá-los entreabertos no processo de metábole em análise. Então, à medida que o tratamento foi avançando, seus enigmas vêm sendo trazidos pela paciente, implicada com suas questões de vida e com o enigmático que traz dentro de si.

No que diz respeito à avaliação metapsicológica, as condições autoteorizantes e autossimbolizantes de Jeane conduzem a analista ao entendimento de que está diante de um aparelho psíquico com um funcionamento predominantemente neurótico, pois, ao receber mensagens enigmáticas vindas do outro, seu

psiquismo põe em marcha processos de tradução/simbolização na busca de decifrar seus enigmas. Jeane fica às voltas com o que recebe do outro e toma como seu, propulsionando enigmas para análise.

Portanto, rastrear as origens do que sente e poder pensá-las abre caminho ao decifrar de enigmas. Cabe ao analista, diante dos enigmas da paciente, convocá-la a pensar, fazendo com que emergjam, assim, as fantasias do desejo infantil. Então, em face dos enigmas da paciente, a analista a convida a falar sobre o que pensa e sente. Perguntas como “ao que lhe remete o que o outro fala?” e “ao que lhe remete quando o olhar do outro lhe foi direcionado?” eram dirigidas à paciente.

Considerando que a única possibilidade de saída do sofrimento é pela via da transferência, o processo de Jeane ocorreu de acordo com o que Laplanche preconiza sobre a relação transferencial – isto é, a noção de que a analista produz condição para o oco, podendo, com sua neutralidade e recusa do saber, instaurar a condição de uma repetição da relação infantil, portanto assimétrica, e, com isso, possibilitando que a paciente reencontre o caráter enigmático dessas vivências de tempos passados.

Para tanto, tornou-se imprescindível a manutenção da posição da analista, incumbida de instaurar a tina e de restaurar o lugar de sedução originária devido à assimetria entre analista e paciente. Logo, cabe a ela garantir a continência, a manutenção, a regularidade e a constância, tanto do espaço analítico quanto da presença e das recusas, para que a sexualidade inconsciente pudesse circular e permanecer resguardada dentro das quatro linhas que o dirigem – *instauração, lugar pulsional, lugar de sedução originária, lugar de continência* (Laplanche, 1992, grifo do autor).

Enquanto guardião do enigma, o analista constitui condição fundamental para a existência de um espaço da palavra livre (Laplanche, 1996), em livre

associação, com vistas à liberdade de vir a ser e de tornar o mundo mais leve, parafraseando Grimaldi. Tratando de manter as recusas, é possível à analista observar que a paciente, aderida ao processo de analisar-se, vivencia a acolhida de poder falar e se perguntar, sendo, assim, capaz de suportar seus enigmas e buscar compreensões autorais a respeito deles.

Espera-se que uma análise seja um caminho para a verdade do paciente. O analista, conhecedor do método, recusa-se a saber qual é o caminho ou qual o melhor caminho para o paciente. O único portador do saber é o paciente. Assim, o que fica posto como conselho, soluções ao real ou como respostas pode chegar ao paciente como um presente envenenado, como afirmou Laplanche (1993). Nesse sentido, cabe ao analista propor aberturas e questionamentos para o saber que está com o paciente – mesmo que este não o saiba – para que seja, então, descoberto por ele.

Uma análise não tem a pretensão de fazer cessar os enigmas; pelo contrário, espera-se que o processo de análise ponha em marcha um saber sobre si. Trata-se de um saber que permanece aberto ao novo, uma vez que o psiquismo se constitui e se transforma na relação com o outro. Considerando que o processo irá progredindo, os enigmas que restam permanecem presentes até o último momento da análise – e, inclusive, muito além do processo analítico.

3. Conclusão

O ponto de partida deste trabalho foi a compreensão da importância do analista em seu papel de instaurar e manter as regras para o tratamento, instaurando a tina analítica, nas palavras de Laplanche (1993), e assim concebendo um espaço garantidor para que a circulação do pulsional e do enigma seja possível e resguardado.

Nessa perspectiva, busquei dissertar sobre a posição do analista como guardião do enigma em seu trabalho de colocar o paciente em tratamento, bem como sua posição de guardar e instaurar novos enigmas ao longo de todo o processo, visto que a instauração de uma análise não se dá em um ato único, como ensina Laplanche (*ibid.*). Então, de forma aplicada, aprofundando, mas também expandindo os estudos dos seminários de formação em psicanálise, firmou-se a compreensão da importância da posição do analista, com suas recusas ao adaptativo e ao saber, para que tal instauração aconteça (*ibid.*).

Revisitando as contribuições de muitos autores que se dedicaram à pesquisa e à escrita do tema do presente trabalho, fez-se possível compreender o aparelho psíquico constituído a partir do outro, que, por meio de mensagens, emite enigmas, diante dos quais o sujeito põe em marcha processos de simbolização e de tradução, na melhor das hipóteses.

Solidificou-se a compreensão de que, do lado do paciente, o processo de uma análise requer coragem e curiosidade para percorrer o caminho que leva ao encontro da tradução dos enigmas que lhe constituem como sujeito. Do lado do analista, por sua vez, o processo exige a constância da presença e das recusas, aliadas a uma posição curiosa e à aposta de que seu lugar de recusa ao suposto-saber conduzirá o paciente em direção ao saber de si.

Metaforizando a existência de um ponto de partida, ao intensificar o estudo com vistas à escrita deste trabalho hesita-se em abordar um ponto de chegada, entendido como um lugar de fechamento ou de conclusão definitiva. Tal hesitação vem da compreensão de que discorrer sobre a posição do analista, em sua responsabilidade de guardião do enigma, implica falar do essencial e interminável tripé da formação - teoria, prática clínica e análise pessoal -, necessário para que essa posição possa ser sustentada e continuamente aprimorada. Portanto, trata-se de um movimento de construção e de

reconstrução ao longo de todo o tratamento analítico dos pacientes, de toda a formação do analista e de toda a vida do ser humano.

Na condição de analista em formação, concluo este trabalho com a convicção de que percorrer este ciclo anual é parte que sustenta a travessia do espaço-tempo na vitalícia formação de um analista, a fim de que a escuta acolha o sofrimento do sujeito que fala e guarde o enigma a cada encontro.

Bibliografia

Bleichmar, S. *Clínica psicoanalítica y neogénesis*. Buenos Aires: Amorrortu, 2020.

Bleichmar, S. *La construcción del sujeto ético*. Buenos Aires: Paidós, 2011.

Bleichmar, S. Prática psicanalítica e mensagem enigmática. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 47, n. 3, 2013, pp. 41-50.

Cardoso, M. R. Repensando o trauma e o intraduzível com Jean Laplanche. In: Ribeiro, P. C. et al. (Orgs.). *Por que Laplanche?* São Paulo: Zagodoni, 2017, pp. 81-104.

Freud, S. (1912) Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. XII). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Freud, Sigmund. (1913) Sobre o início do tratamento. In: Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. XII). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Grimaldi, V. *O que resta de nós*. São Paulo: Gutenberg, 2024.

Laplanche, J. *A tina: A transcendência da transferência*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Laplanche, J. *La prioridad de otro en psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

Laplanche, J. *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

Laplanche, J. *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000 - 2006*. Porto Alegre: Dublinense, 2015.

Laplanche, J.; Pontalis, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

Macedo, M. M. K.; Falcão, C. N. B. *A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta*. Revista Psyché, São Paulo, ano IX, n. 15, 2005, pp. 65-76.

Kéterli Backes

R. Agilberto Maia, 281/19

Guaporé – RS

keterlibackes@gmail.com

© Constructo Revista de Psicanálise